



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGEO



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”
São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

AS MULTITERRITORIALIDADES NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA FLORESTA NACIONAL DO IBURA

Jorginaldo Calazans dos Santos

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal de Sergipe.
Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura
E-mail: jorgenaldoc@hotmail.com

Maria Augusta Mundim Vargas

Orientadora e professora do Departamento de Geografia – UFS.
Grupo de Pesquisa Sociedade e pesquisa
E-mail: amundim@infonet.com.br

O processo de criação das Unidades de Conservação – UC, ao obedecer as diversas estratégias e relações socioambientais refletem categoricamente uma nova dinâmica do espaço geográfico e exige estudos sobre os indicadores de mudanças e perspectivas para as suas novas configurações. Tal fato impôs a necessidade de se repensar alternativas capazes de redirecionarem tanto os reflexos nefastos da intensa apropriação dos recursos naturais como das mais variadas configurações do território.

Os paradigmas do desenvolvimento contemporâneo apontam para uma relação de simbiose entre ser humano e a natureza, o que se traduz também numa perspectiva administrativa de longo prazo dos recursos naturais e da infraestrutura, do patrimônio histórico-cultural, dos aspectos da preservação e de consideração das características dos povos e das comunidades tradicionais.

A proposta de pesquisa apresentada estrutura-se para compreender as possíveis (re)configurações territoriais ocorridas no espaço geográfico quando da criação da Floresta Nacional Ibura no município de Nossa Senhora do Socorro em Sergipe. Para tal, caracterizamos historicamente o processo de uso, ocupação e produção do espaço do antigo Horto Florestal Ibura. O estudo dos elementos e sujeitos interventores na reprodução do espaço do antigo Horto Florestal Ibura foi parte fundamental para a avaliação da produção econômica e dos possíveis conflitos existentes no processo de criação da UC com os moradores do povoado Estiva, contíguo à sua área. Na análise focamos as políticas públicas que refletem no processo de

transformação espacial, como subsídio para entender a visão dos sujeitos com relação a produção de novas territorialidades.

Na pesquisa utilizou-se do método fenomenológico por possibilitar a construção de um instrumental capaz de apreender a leitura de experiências vividas, realizadas e recriadas na cotidianidade. A percepção foi tomada como suporte ao ancorar a busca das respostas aos questionamentos postos aos moradores do Povoado Estiva.

Como apontado por Merleau-Ponty (1999), “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada”. Dessa forma a fenomenologia explora o mundo e a vida do ser humano da forma que ela é, trata de apresentar uma descrição direta das nossas experiências como ela é, inserindo-se na realidade de estudo.

Esse é o viés interpretativo que estamos aludindo quando da escolha do método fenomenológico para a nossa pesquisa, pois todas as vezes que nos debruçamos sobre o nosso objeto de estudo no intuito de desvelarmos as novas configurações territoriais da comunidade do povoado Estiva, está claro que procuramos a visão aproximativa do humano em contínua transformação.

Pela percepção procuramos compreender as relações socioespaciais estabelecidas no povoado Estiva, no sentido de verificar e entender se estas se deram de forma pacífica ou conflituosa com relação ao “fechamento” do Horto Florestal com a criação da Floresta Nacional do Ibura.

Com isso, compreender as novas configurações territoriais ocorridas no espaço geográfico, é compreender todas as características e mudanças adotadas pelos habitantes do povoado Estiva, sejam elas materiais ou simbólicas. Para tal, nos apoiamos em autores tais como Haesbaert (1995; 2004); Almeida (2008); Bonnemaïson (2002); Rafestin (2003), dentre outros, na apreensão dos conceitos de território, territorialidades e multiterritorialidades.

Durante a pesquisa que ocorreu de junho a agosto de 2012, foram aplicadas 32 (trinta e duas) entrevistas aos moradores do povoado e 3 (três) às instituições que participaram efetivamente na criação da Unidade de Conservação.

A proposta de caracterizar o processo de uso, ocupação e produção do território do antigo Horto Florestal Ibura, até a criação da Floresta Nacional do Ibura foi alcançada quando pelas discussões teóricas se conseguiu identificar as funções sociais que a área do Horto Florestal exerceu para os moradores do povoado Estiva. Até o fechamento com as cercas do UC, alguns atuais moradores residiam na área do Horto e a maioria dos demais usufruíam da área para o lazer, coleta de lenha e da escola.

A posição do povoado possibilita a criação de redes de comunicação e desenvolvimento com duas áreas urbanas, Laranjeiras e Nossa Senhora do Socorro, que atendem às suas necessidades econômicas, culturais e políticas, fortalecendo as possibilidades de desenvolvimento do povoado.

A visão dos atores (órgão públicos e moradores do povoado Estiva) quanto ao processo de produção de novos territórios foi de fundamental importância em todos os processos da pesquisa. O conhecimento dos diversos posicionamentos permitiu entender a atual situação do povoado Estiva, assim como da área da Flonai.

Essa dinâmica coletiva reflete na formação de uma identidade para o povoado, que hoje é representada pelo teor simbólico existente na memória dos sujeitos sociais pelos usos da floresta no passado, que se tornou símbolo e referência daqueles que vivenciaram esse processo.

A análise das políticas públicas decorrentes do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e que refletem no processo de transformação do território foram os instrumentos balizadores para entender os tipos de usos que eram desenvolvidos pelos moradores do povoado e assim, chegamos às proibições de uso do presente, quando a área já não é mais Horto Florestal, mas sim uma Floresta Nacional com todas as suas limitações de uso.

Quando abordamos as multiterritorialidades existentes no povoado Estiva nos referimos ao pensamento de Soja (1993) que diz que o mais geográfico dos modelos de território é aquele das relações espaciais determinadas por inclusão ou exclusões. Então, tudo leva a crer que a criação da Flonai não passou de mais um processo evolutivo e uma ação necessária para a realidade moderna, que é a criação das UC, que de certa forma é inevitável, mesmo sendo conflituoso, característico do próprio território.

Nessa direção, o estudo revelou que não ocorreram embates diretos com a gestão e/ou equipe de criação da Flonai. As manifestações conflituosas se existiram, ficaram internalizadas entre os moradores, em reclamações entre eles. A destruição das cercas da Flonai foi a única manifestação de conflito detectada entre os moradores, pois prevalece o entendimento de que se tratava de uma área que não lhes pertencia.

Diante do exposto, afirmamos que não existiu o surgimento de novas territorialidades e, sim, um processo natural de adaptação da comunidade a uma nova forma de lidar com um território que se conformou em UC, um território que antes era permitido o uso, e que agora não mais. Todavia, queda-se nas lembranças dos moradores do povoado Estiva os constitutivos simbólicos do Horto Florestal, quando era permitido o uso, seja para a garantia da sobrevivência, seja para o lazer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine Costa. (Orgs.). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2008.

ALBAGLI, S. Território e territorialidade. In: LAGES, V.; BRAGA, C.; MORELLI G. (orgs.) **Território em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília, DF: SEBRAE, 2004.

BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni (orgs). *Geografia Cultural: um século*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. P. 83-131.

HAESBAERT, Rogério. **“Gaúchos no Nordeste” Modernidade, Des-territorialização e Identidade**. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. USP, 1995.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RAFFESTIN, Claude. Immagini e identità territoriali. In: DEMATTEIS, G. e FERLAINO, F. **II mondo e I luoghi: geografie delle identità e Del cambiamento**. Torino: IRES, 2003.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **M. A Natureza do Espaço: técnica e tempo**. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997b.

Eixo: **Análise Regional**